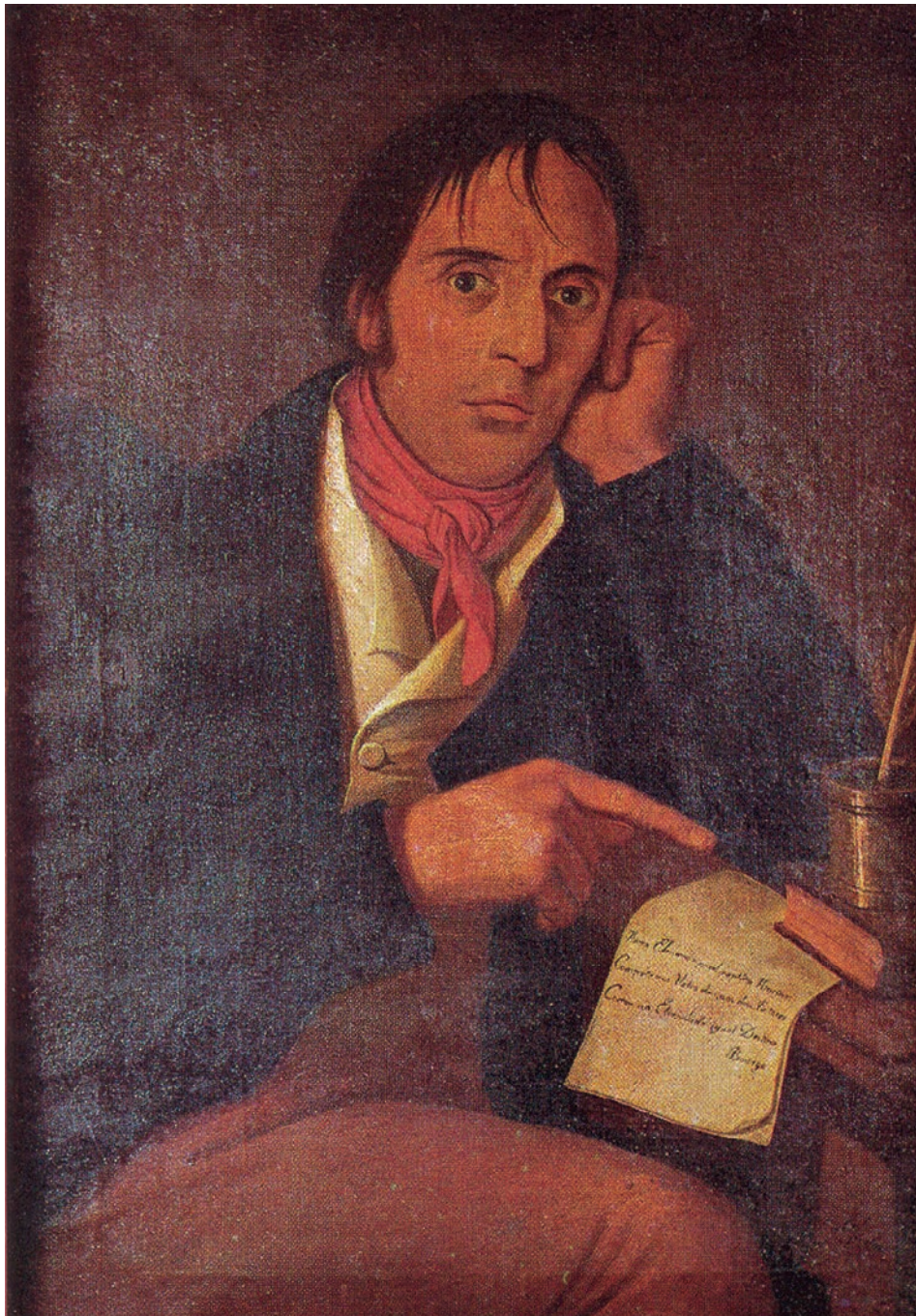


# BOCAGENTRE NÓS

A construção da memória  
nos 150 anos do monumento a Bocage



"Bocage", por Henrique José da Silva, pintado com Bocage ainda em vida, 1805.

# BOCAGE, POETA E HOMEM INTEMPORAL

Setúbal comemora o dia da cidade e do concelho na data de nascimento de um poeta. Este facto, não casual, é singular no nosso país e raridade na geografia mundial. Esta deliberada coincidência emana da revolução de 25 de Abril de 1974, como justo reconhecimento pela qualidade da obra de Bocage e como afirmação da importância universal e intemporalidade dos valores e ideais que defendeu e pelos quais se bateu, com elevado custo.

O tempo de Manuel Maria Barbosa du Bocage, no final do Antigo Regime, embora marcado pelos ventos de liberdade, igualdade e justiça social, oriundos da Revolução Francesa, é, em Portugal, ainda um período de uma monarquia despótica e de profundas desigualdades e miséria. A intransigente acção em favor da liberdade, da tolerância, da justiça, valeram a Bocage perseguições e prisões, a par de intencional esquecimento literário e político, até final da monarquia e durante a ditadura fascista.

A comemoração dos 150 anos do monumento a Bocage constituiu o *leitmotiv* para a organização do programa cultural “Bocage, o poeta da Liberdade”, promovido pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS), de que a União das Freguesias de Setúbal se tornou natural e empenhada parceira.

O programa comemorativo, que ainda se assinala com a presente exposição, tem sido uma importante oportunidade para divulgar e valorizar a obra do poeta maior setubalense, para aprofundar a investigação sobre a vida e a obra de Bocage e para promover o debate cultural e político sobre o nosso tempo, à luz dos ideais de Liberdade, Igualdade e Justiça Social que marcaram a sua intervenção cívica e política, num momento em que estes valores essenciais à Humanidade se encontram tão ameaçados.

Parte significativa da exposição “Bocage entre Nós” foi concebida para utilização posterior ao *terminus* do evento, configurando-se um recurso educativo e didáctico de grande interesse, que a União das Freguesias de Setúbal proporcionará aos estabelecimentos de ensino, sendo o motor para um leque alargado de actividades a desenvolver em conjunto pelas escolas, junta de freguesia e MAEDS.

Promover Bocage nos distintos contextos da sua intensa vida é um excelente ensejo para divulgar e valorizar a história local de Setúbal, a cultura portuguesa no mundo e a poesia lusófona, a obra de Elmano Sadino e os valores intemporais que caracterizaram a sua intervenção.

**Rui Manuel Canas**

Presidente da União das Freguesias de Setúbal

# Planta da Villa de Setubal. 1810



Fig. 1 - Planta de Setúbal de 1810 com a 2ª linha de muralhas, que na segunda metade do séc. XVII limitou a povoação. Assinala-se, dentro de oval, o baluarte da Nossa Sra. da Conceição, onde Bocage assentou praça com 16 anos, em 1781, no Regimento de Infantaria 7. Coleção Engº Francisco Borba.

# BOCAGE ENTRE NÓS

"Jovem pálido, ágil e de aparência estranha, mas talvez a mais original das criaturas poéticas de Deus. Pode dizer-se que essa personalidade estranha e versátil [Bocage] possui verdadeira varinha mágica que, à vontade do seu mestre, anima ou petrifica."  
(William Thomas Beckford, *Vathek*, 1786)

A presente evocação do poeta levada a efeito pela cidade que foi o seu berço, iniciada em Setembro de 2021, alguns dias antes (10/09/2021) do seu nascimento (15 de Setembro do distante ano de 1765) e a propósito da passagem do 150º aniversário da inauguração do monumento em sua homenagem (21/12/1871) na principal praça de Setúbal, chega ao seu *terminus* com a abertura ao público da exposição documental sobre a vida e obra de Manuel Maria Barbosa du Bocage.

Durante cerca de um ano, caminhámos ao lado do poeta. Ouvimos os aplausos aos seus versos de menino prodígio ainda na vetusta residência de família.

Nasceu no seio de culta família luso-francesa da média burguesia urbana, aparentemente perseguida pela facção mais obscura do Marquês de Pombal, numa vila que tendo sofrido, como Lisboa, a violência do sismo, tsunamis e incêndio de 1755, dez anos antes, vivia um ciclo de crise, à margem do programa de reconstrução desenhado para a capital. O infortúnio não impediu, porém, o florescimento do talento literário nem a apurada educação na língua paterna, latim e francês, bem como a formação de um superior carácter ético e estético, onde sobressaem os princípios da justiça, da amizade e fraternidade e, acima de tudo, da liberdade, como principal valor da condição humana. Pouco sabemos, porém, sobre a educação de Bocage, mas não é improvável que a "escola jesuíta", bem representada em Setúbal, associada às elites locais, tenha deixado sementes duradouras.

O poeta desafiou Homens, Instituições e Deuses para viver sofregamente uma curta, mas por si desenhada, estada de 40 anos apenas.

[...]

*Meu ser evaporei na lida insana  
do tropel de paixões, que me arrastava;  
Ah!, cego eu cria, ah!, mísero eu sonhava  
em mim quase imortal a essência humana*  
[...]

Manuel Maria Barbosa du Bocage

Aos 16 anos iniciou-se na vida adulta, assentando praça no Regimento de Infantaria de Setúbal (actual Escola de Hotelaria), na praia da sua infância, ampla baía onde Sado e Oceano se misturam, levando já consigo o chamamento dos mares longínquos ensinado por Camões.

Em 1786, embarca para a Índia, com 21 anos. Chegou a Goa, fazendo escala no Brasil (Rio de Janeiro) e Ilha de Moçambique. Mais tarde, Damão, e já do lado proibido (para tanto na condição de desertor, ignorando a recente promoção a segundo-tenente e tudo arriscando) atingiu o objectivo da viagem, o encontro com a memória de Luís de Camões em trabalhos de escrita de *Os Lusíadas*: Surate, Cantão, Macau, no mítico Extremo Oriente. Bocage cumpre o ciclo das grandes deambulações e abraça um mundo utópico, livre de fronteiras.

*Camões, grande Camões, quão semelhante  
acho teu fado ao meu quando os cotejo!  
Igual causa nos fez, perdendo o Tejo,  
arrostar com o sacrílego gigante*

*Como tu, junto ao Ganges sussurrante,  
da penúria cruel no horror me vejo,  
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo,  
também carpindo estou, saudoso Amante*



Fig. 2 - O grande périplo de Bocage, de 1786 a 1790, renovou a ancestral História Marítima Portuguesa.  
 Fonte da base cartográfica: <https://www.freepik.com>.

[...]

*Modelo meu tu és... Mas, oh tristeza!...  
 Se te imito nos transe da ventura,  
 não te imito nos dons da natureza.*

Manuel Maria Barbosa du Bocage

De regresso a Lisboa, em 1790, activista do novo ideário dos “enciclopedistas” que preludiam os princípios de nova ordem social assente na trilogia, liberdade, igualdade e fraternidade, Bocage lê e traduz Voltaire, defende a filosofia de Rousseau, assiste, à distância, ao início da Revolução Francesa. Utiliza a palavra e a pena como armas políticas contra o regime político vigente em Portugal. *Maçon* e feminista “*avant la lettre*”, o nosso poeta não se inibe de criticar as diferentes formas de opressão política e religiosa, ferindo certamente, com recurso à ironia, as desigualdades de classe forjadas no berço.

*Lá quando em mim perder a humanidade,  
 mais um daqueles, que não fazem falta,  
 verbi gratia – o teólogo, o peralta,  
 algum duque, ou marquês, ou conde, ou frade*

[...]

*quando ferrugenta enxada idosa  
 sepulcro me cavar em ermo outeiro,  
 lavre-me este epitáfio mão piedosa:*

*“Aqui dorme Bocage, o putanheiro;  
 Passou vida folgada, e milagrosa;  
 Comeu, bebeu, fodeu, sem ter dinheiro”*

Manuel Maria Barbosa du Bocage\*

Visitámos Bocage na cadeia do Limoeiro, para onde o atiraram os esbirros de uma monarquia decadente sob as ordens do Intendente Geral da Polícia Diogo



Fig. 3 - Excerto de gravura da frente ribeirinha de Setúbal, 1827. Na gravura são visíveis os estragos causados pelo tsunamis no pano de muralhas do séc. XVII, tendo restado apenas os baluartes. À esquerda, baluarte do Livramento, e à direita, o baluarte de Nossa Sra. da Conceição ou do Cais. Gravura de J.X. d'O. Banha, B. Comye, Lisboa.

de Pina Manique. Submetido a sofrimento físico e moral, desnutrido e exposto à intempérie e doença, submetido a “reeducação” pela Inquisição, teve, graças aos amigos e “irmãos maçónicos”, raros e férteis momentos de conforto e escrita; viria a falecer em Lisboa no inverno de 1805, deixando um extraordinário legado de vida em defesa da liberdade e uma extensa obra literária que o coloca entre os mais expressivos escritores da poesia neoclássica portuguesa na transição para o Romantismo.

*Liberdade querida e suspirada,  
que o Despotismo acérrimo condena;  
Liberdade, a meus olhos mais serena,  
que o sereno clarão da madrugada!*

Manuel Maria Barbosa du Bocage

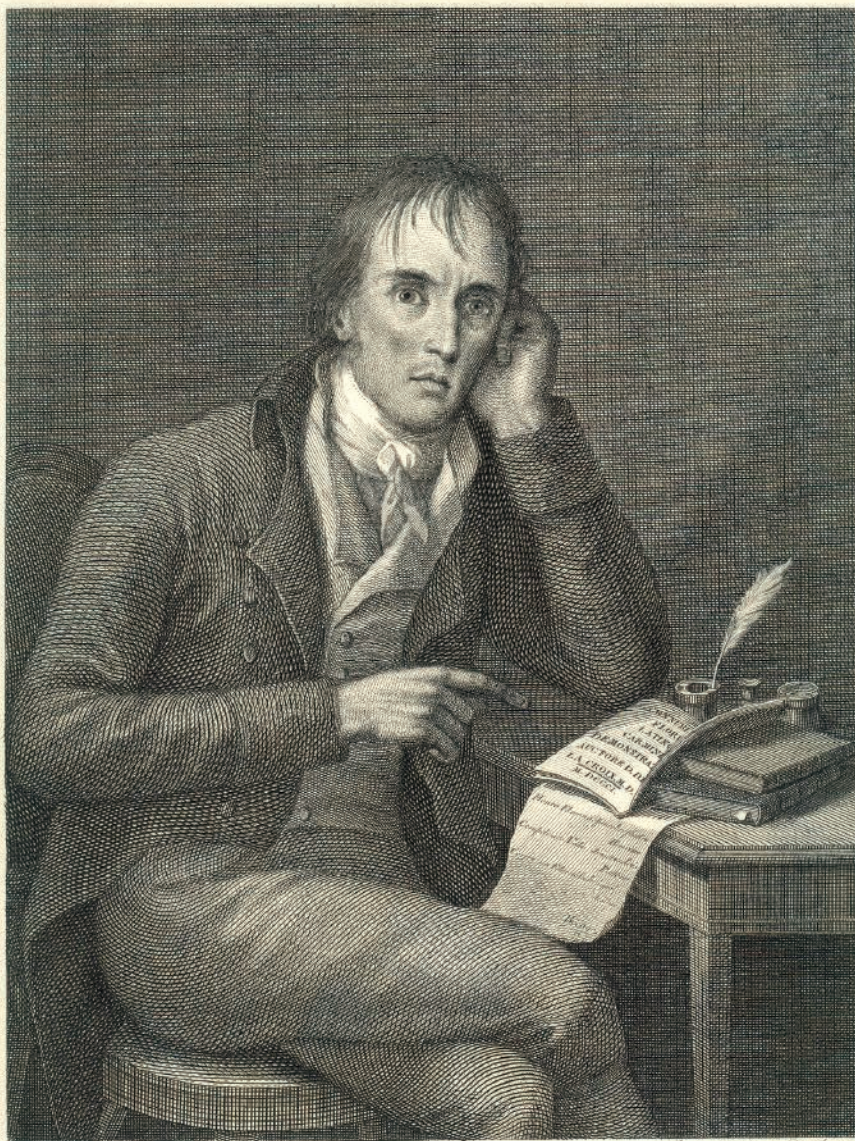
Independentemente do pretexto, continuando a caminhar ao lado do poeta, teremos ainda, e no futuro, muito caminho por desvendar, conduzidos pela inteligência emocional e pelo lirismo poético.

*Olha, Marília, as flautas dos pastores  
que bem que soam, como estão cadentes!  
Olha o Tejo a sorrir-se! Olha, não sentes  
Os zéfiros brincar por entre as flores?*

Manuel Maria Barbosa du Bocage

**Joaquina Soares**  
Directora do MAEDS

\* A atribuição deste poema a Bocage tem sido colocada em dúvida, no entanto consideramos que o mesmo revela a abrangência deste extraordinário criador, movendo-se entre o mais depurado eruditismo literário e o vocabulário mais raso e popular do seu tempo em verdadeira imolação abjeccionista.



*Henrique José da Silva del.*

*Francesco Bartolozzi fecit.*

MANOEL MARIA DE  
*Dedicada ao Ill.<sup>mo</sup> e  
Arçujo d'Azvedo  
d'Estado dos Negocios*



BARBOSA DU BOCAGE.  
*Ex.<sup>mo</sup> Sr.<sup>o</sup> Antonio de  
Ministro, e Secretario  
Estrangeiros, e da Guerra*

*Por seu Originalissimo, e mais atento Servidor Henrique José da S.<sup>ta</sup>*

"Bocage", por Francesco Bartolozzi. Gravura de 1806, realizada a partir do retrato pintado por Henrique José da Silva e sob encomenda deste.



# APONTAMENTOS BIO-BIBLIOGRÁFICOS

## 1 – Infância e adolescência em Setúbal: a vila e o meio familiar

No último terço do século XVIII, a então vila de Setúbal apresentava ainda muitas marcas na sua malha urbana do grande terramoto ocorrido em 1755, tentando, a todo o custo, reerguer-se da catástrofe que sobre ela se abatera. Na sequência deste desastre natural, muitos edifícios foram destruídos ou danificados, tendo as freguesias localizadas na zona mais baixa de Setúbal (S. Julião e N.ª Sr.ª Anunciada) sido as mais atingidas. As vítimas do sismo, de magnitude semelhante à de Lisboa, e do maremoto e incêndio que se lhe seguiram, foram na ordem dos milhares, de acordo com relatos de contemporâneos, nomeadamente dos párocos das freguesias (Duarte, Soares e Tavares da Silva, 2014).

Com uma população que rondava os 12.000 habitantes em 1758 (Claro, 2012), o que demonstra a dimensão da tragédia, Setúbal vivia, sobretudo, do sal, principal produto de exportação, mas também da fruta dos seus pomares (limões e laranjas, principalmente), do azeite, do vinho e do peixe.

A falta de habitações, bem como o receio da ocorrência de um novo cataclismo, favoreceram a proliferação de barracas um pouco por todo o lado, sobretudo junto das muralhas, no Largo de Jesus, no Campo do Bonfim e nos arredores da vila, tendo esta situação desordenada e caótica levado à intervenção das autoridades. A recuperação dos estragos causados no património edificado (civil, militar e religioso) prolongou-se no tempo, obrigando a sucessivas campanhas de obras de reconstrução e de reparações (Gonçalves, 2003).

É neste ambiente que virá a desenrolar-se a infância e a adolescência daquele que viria a ser considerado uma das personalidades mais destacadas do arcadismo iluminista português, o poeta Bocage.

Nascido a 15 de Setembro de 1765, no seio de uma família burguesa, Manuel Maria de Barbosa l’Hedois du Bocage, filho de José Luís Soares de Barbosa e de Mariana Joaquina Xavier l’Hedois Lustoff du Bocage, senhora de ascendência francesa, cedo

revelaria gosto pela arte poética, facto que viria a recordar mais tarde num poema intitulado “*Versos balbuciei co’ a voz da infância!*”. A inclinação que desde cedo revelou pelas letras terá sido potenciada, para além de um meio familiar culturalmente estimulante, por uma componente genética de peso: era sobrinho-neto de Pierre-Joseph Fiquet du Bocage, ilustre literato francês, e de sua esposa, a célebre Madame du Bocage, poetisa e tradutora, cujo talento foi reconhecido e elogiado por Voltaire. Como se tal não bastasse, o próprio pai também era conhecido pela sua veia poética, atestada por alguns que privaram de perto com ele, exercitada desde os seus tempos de estudante na Universidade de Coimbra (Gonçalves, 2003).

Bocage viria a beneficiar assim de uma educação de cunho humanista, como era habitual na sua época, tendo aprendido as línguas latina e francesa, que se revelariam muito úteis no decurso da sua carreira literária, particularmente enquanto tradutor.

A sua família, apesar de não ser abastada, gozava de um estatuto intelectual e social privilegiado, o que lhe permitia relacionar-se com algumas das pessoas mais conceituadas do burgo setubalense, frequentando, por exemplo, com regularidade a casa do governador do forte de Santiago do Outão, brigadeiro João Homem da Cunha d’Eça. Deste relacionamento próximo, viria a resultar o casamento do seu irmão Gil Francisco com uma das filhas do referido governador (Gonçalves, 2003).

Todavia, a vida não haveria de sorrir para Manuel Maria: o pai foi preso na Cadeia do Limoeiro, em 1771, quando tinha apenas 6 anos, e a sua mãe e avós paternos, suportes familiares na ausência do pai, faleceriam pouco depois (1774-1775).

Não é, assim, difícil de imaginar as angústias, dificuldades e privações por que terão passado Bocage e os seus irmãos ...

De regresso à liberdade, em 1777, na sequência da “Viradeira”, o pai de Bocage retorna a Setúbal e estabelece-se como advogado, tentando refazer a sua vida e dar alguma estabilidade e conforto aos filhos, tão duramente atingidos por circunstâncias de vida desfavoráveis (Gonçalves, 2003).

O jovem Bocage, já revelando uma natureza irrequieta e instável, forjada no cadinho da adversidade, alista-se como voluntário, em 1781, no Regimento de Infantaria de Setúbal (antigo quartel do RI 11, actual Escola de Hotelaria), com apenas 16 anos. Talvez a carreira militar tenha sido a alternativa de vida que encontrou para si, uma vez que o seu irmão mais velho, Gil Francisco, como lhe garantia o seu estatuto de primogénito, seguiu as pisadas do pai e foi estudar Direito em Coimbra. É provável, também, que o exemplo do avô materno, o vice-almirante da Armada Portuguesa Gil l'Hedois du Bocage, um herói da batalha de Matapan e uma referência familiar, tenha influenciado a sua decisão.

Em 1783, já com 18 anos, consegue a sua transferência para a Armada Real, a fim de frequentar, em Lisboa, a Real Academia de Guardas-Marinhas (Gonçalves, 2003).

Começava uma nova e radical etapa na vida do poeta, determinante para o seu futuro...

## 2 – Vida em Lisboa, viagens e produção literária: o exercício da Liberdade

Chegado à capital do Reino, o jovem Bocage, de carácter impetuoso e espírito aventureiro, entra, então, em contacto com o *bas-fond* lisboeta, tornando-se frequentador assíduo de tabernas e botequins. É nesta altura que começa a ganhar fama como poeta satírico e repentista, ao mesmo tempo que toma contacto com as “ideias do século”, de índole progressista, que haveriam de conduzir à Revolução Francesa (1789) e à consequente derrocada do *Ancien Regime* (Gonçalves, 2003).

Em meados de 1784, sem se conhecer a razão, abandona a Academia de Guardas-Marinhas, recebendo baixa como desertor. A rigidez da disciplina castrense talvez não se coadunasse muito com o seu estilo de vida boémio e postura irreverente ...

Todavia, em 1786, mercê de um perdão régio ocorrido no ano anterior, Bocage é nomeado guarda-marinha e recebe ordem de embarque para a Índia. Nesta viagem, que à época era longa, haveria de fazer escala no Brasil (Rio de Janeiro) e na Ilha de Moçambique.

A sua trajectória de vida começava a assemelhar-se à de Camões, poeta que desde cedo seria a sua figura modelar e que viria a tornar-se no alter-ego do vate sadino pelas idênticas circunstâncias de vida experienciadas (“*Camões, grande Camões, quão semelhante / Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!*”):

- ambos foram poetas;
- ambos seguiram a carreira das armas;
- ambos viajaram por paragens distantes e exóticas, efectuando um périplo semelhante;
- ambos foram infelizes nos amores;
- ambos suspiraram pela morte como forma de evasão de um quotidiano triste e esmagador;
- ambos foram bastante pobres, incompreendidos e marginalizados.

Durante a sua curta passagem pelo Rio de Janeiro, Bocage granjeou admiração e simpatia por parte da elite colonial, nomeadamente do próprio vice-rei, Luís de Vasconcelos e Sousa, tendo chegado a envidar esforços junto deste no sentido de se radicar na colónia americana (Gonçalves, 2003).

Em finais de Outubro deste ano (1786), o jovem guarda-marinha Bocage chegaria finalmente a Goa, seu local de destino. Todavia, a sua permanência nesta colónia portuguesa do Oriente não se viria a revelar uma experiência gratificante para ele, tendo denunciado a artificialidade da cultura mestiça, a corrupção e os vícios das elites locais, de que os versos que se seguem são ilustrativos:

*Das terras a pior tu és, ó Goa,  
Tu pareces mais ermo que cidade,  
Mas alojas em ti maior vaidade  
Que Londres, que Paris, ou que Lisboa.*

*A chusma de teus íncolas pregoa  
Que excede o Grão Senhor na qualidade;  
Tudo quer senhoria: o próprio frade  
Alega, para tê-la, o jus da c'roa.  
[...]*

A vida do poeta haveria, contudo, de sofrer uma reviravolta. Nos inícios de 1789, é promovido a segundo-tenente de infantaria, por “*méritos pessoais e serviços prestados*”, sendo colocado na Praça de Damão, território onde chegaria no dia 6 de Abril desse ano.

A sua estadia nesta possessão portuguesa duraria pouco. Dois dias depois de tomar posse do seu novo posto, abandona-o, desertando pela segunda vez das Forças Armadas, acompanhado por outro militar (Gonçalves, 2003).

Abria-se um novo capítulo atribulado na vida do poeta rebelde e insubmisso ...

Na sequência da sua deserção terá passado por Surate, na Índia, e, posteriormente, seguido para

Cantão e Macau, na China, vivendo durante algum tempo nesta colónia portuguesa do Oriente. Aí passa por necessidades e subsiste recorrendo à caridade alheia, nomeadamente de alguns influentes locais, a quem agradece em versos, até que consegue embarcar para Portugal e regressar a Lisboa (Gonçalves, 2003).

Da sua passagem pelo território macaense, deixou-nos um curioso e interessante retrato daquela região oriental, num poema intitulado “*Um governo sem mando, um bispo tal*”, bem revelador da sua inteligência, perspicácia e talento literário.

De regresso à capital, novas e inesperadas aventuras o aguardavam ...

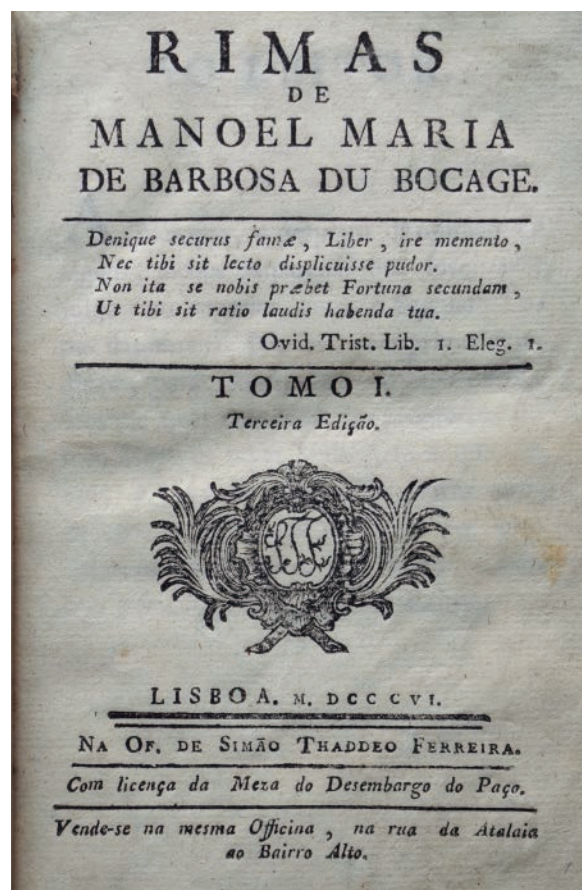
Chegado a Lisboa, de onde saíra quatro anos antes (1786), Bocage não encontra uma cidade muito diferente, excepto numa coisa: «[...] *havia uma efervescência nos botequins, tavernas, casas de pasto e todos os locais públicos que nunca se vira, desde que, em Agosto de 1789, a Gazeta de Lisboa circulara com a notícia de que ocorrera uma revolução predestinada a fazer “época nos anais da França”. Desde então, os ventos revolucionários nunca deixariam de soprar sobre Lisboa*» (Gonçalves, 2003).

Manuel Maria volta à boémia lisboeta, que já conhecia, tendo encontrado «[...] *o café Nicola e o botequim das Parras, ao Rossio, transformados em centros de discussão política. Por lá, tudo cheirava a jacobinismo, maçonaria e outros nomes com os quais o intendente baptizava a movimentação daqueles que considerava inimigos do Estado*» (Gonçalves, 2003).

Ainda em 1790, é convidado para integrar a recém-criada Academia das Belas-Letras, também conhecida por Nova Arcádia, entidade cultural controlada pelo Intendente-Geral da Polícia, Pina Manique, e alinhada com a ordem social vigente. Nesta academia passará a ser conhecido pelo nome arcádico de *Elmano Sadino*.

Em 1791, publica as seguintes obras: primeiro tomo das “Rimas”, “*Queixumes do pastor Elmano contra a falsidade da pastora Urselina*” e “*Idílios marítimos*”.

Pouco depois, em 1793, entra em rota de colisão com os seus confrades da Academia das Belas-Letras, episódio que ficará conhecido pela “*guerra dos vates*”, situação que muito terá contribuído para a sua consagração como poeta satírico e genial repentista. A fraca qualidade da produção literária desta agremiação poética, bem como a subserviência

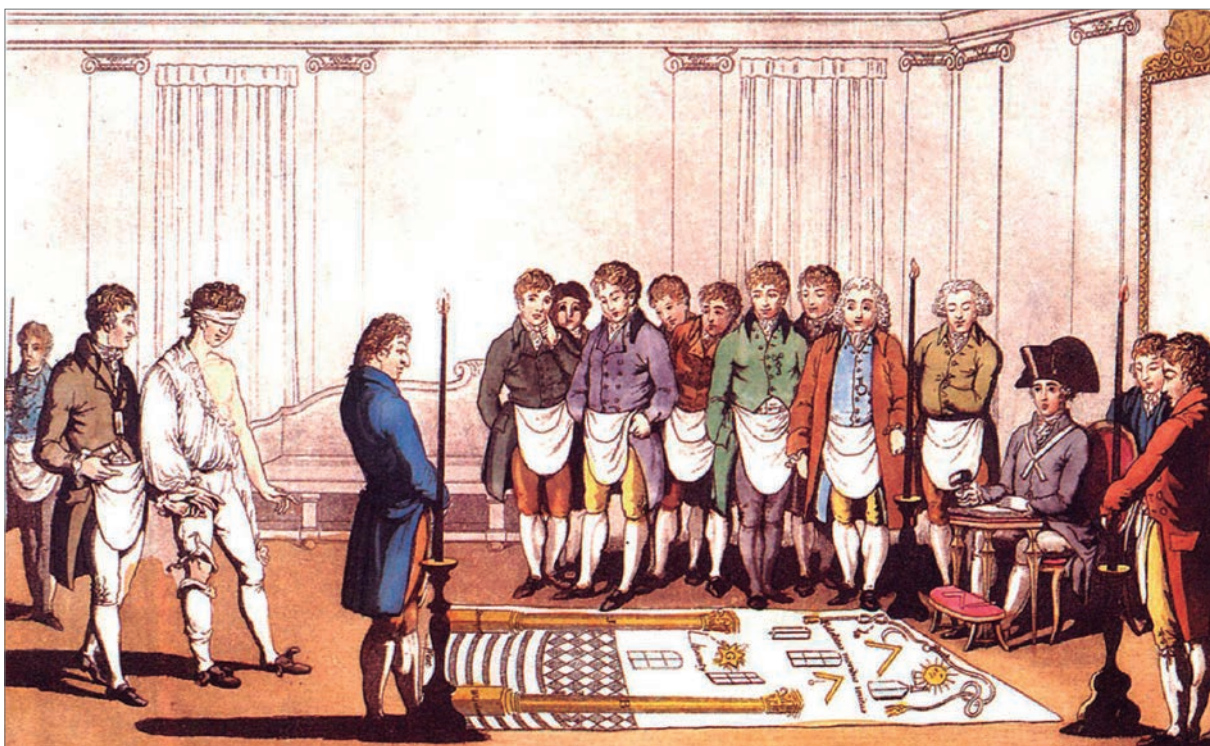


Bocage, Rimas de Manoel Maria de Barbosa du Bocage, Tomo I – 3ª Edição, Lisboa.

manifestada relativamente aos poderosos que a mantinham, não se coadunavam com duas coisas em Bocage: um talento superior e o ideário liberal que à época já partilhava. Publica neste ano a tradução da obra francesa “*Eufémia ou o triunfo da religião*”.

Em 1794, insatisfeito com a qualidade de alguns dos textos saídos a lume no primeiro volume das “Rimas”, revê a obra e publica uma nova edição da mesma.

Ainda no decurso deste ano, é afastado da Academia das Belas-Letras, na sequência do grave conflito desencadeado com os seus pares. Num soneto que lhe é atribuído, intitulado “*Preside o neto da rainha Ginga*” cobre a Academia de ridículo, disparando em todas as direcções, não poupando o seu presidente, o mulato Domingos Caldas Barbosa, nem o próprio anfitrião, o conde de Pombeiro, D. José Luís de Vasconcelos e Sousa, um dos homens



Iniciação de um aprendiz de maçom por volta de 1800. Autor desconhecido.

mais influentes e poderosos da época.

Mercê de toda esta situação, que em muito contribuiu para o aumento da sua notoriedade e popularidade, a Intendência-Geral da Polícia aperta a vigilância em torno de Bocage, seguindo todos os seus passos, tanto mais «[...] que carregava francesismo até no nome e não fazia nos cafés, lojas, tavernas e no Passeio Público nenhum esforço para disfarçar a sua preferência política» (Gonçalves, 2003).

Entre 1795 e 1797, Bocage terá sido iniciado na Maçonaria, sendo, contudo, de considerar que a sua ligação e relacionamento com personalidades afectas a esta organização já durasse há algum tempo. Pertenceu à Loja Fortaleza, a mais prestigiada da sua época, que seria co-fundadora, em 1804, do Grande Oriente Lusitano. Pela posição que ocupava na hierarquia desta loja (17.º da lista), onde permaneceu até ao fim da sua vida, é de crer que o *Irmão Lucrécio*, nome maçónico adoptado pelo poeta, tenha atingido o grau de mestre (Morais, 2007).

Aproximava-se, a passos largos, a etapa mais difícil da vida de Manuel Maria: a privação da liberdade e a experiência dolorosa do cárcere ...

### 3 – Entre a liberdade e o cativo: a perseguição política

Em 1797, Bocage continuava a incomodar o status quo ao «[...] traduzir do francês o primeiro tomo do romance “História de Gil Brás de Santilhana”, o mesmo livro que Pina Manique considerara impróprio para a instrução da mocidade» (Gonçalves, 2003).

A atitude de desafio à ordem social estabelecida tornara-se uma constante em Bocage. «Poemas como “Liberdade, onde estás? Quem te demora?”, “Liberdade querida, e suspirada”, “Pavorosa ilusão da eternidade” ou um outro em que faz explicitamente o louvor de Napoleão, paradigma da Revolução Francesa, e a crítica do Papa conduziram-no à prisão, por crime de lesa-majestade» (Pires, 1995).

#### *Liberdade querida, e suspirada*

*Liberdade querida, e suspirada,  
Que o Despotismo acérrimo condena,  
Liberdade, a meus olhos mais serena  
Que o sereno clarão da madrugada,*

*Atende à minha voz, que geme e brada  
Por ver-te e por gozar-te a face amena;  
Liberdade gentil, desterra a pena  
Em que esta alma infeliz jaz sepultada.*

*Vem, ó Deusa imortal, vem, maravilha,  
Vem, ó consolação da Humanidade,  
Cujo semblante mais que os astros brilha.*

*Vem, solta-me o grilhão da Adversidade,  
Dos Céus descende, pois dos Céus és filha,  
Mãe dos prazeres, doce Liberdade!*

Avisado por amigos de que os “moscas” de Pina Manique estavam no seu encalço, Bocage ainda tenta a fuga para o Brasil, embora sem sucesso.

Sob a acusação de ser autor de “papéis ímpios, sediciosos e críticos”, é posto a ferros na Cadeia do Limoeiro, no dia 7 de Agosto de 1797, de onde será transferido, cerca de três meses depois, para os cárceres da Inquisição, onde permanecerá outros três meses.

#### *Trabalhos da vida humana*

[...]  
*Do funesto Limoeiro  
Já toco os tristes degraus,  
Por onde sobem e descem  
Igualmente os bons e os maus.*

*Correm-se das rijas portas  
Os ferrolhos estridentes,  
Feroz condutor me enterra  
No sepulcro dos viventes.  
Para a casa dos assentos  
Caminho com pés forçados;  
Ali meu nome se ajunta  
A mil nomes desgraçados.*

*Para o volume odioso  
Lançando os olhos a medo,  
Vejo pôr Manuel Maria,  
E logo à margem Segredo.  
[...]*

No âmbito do processo de “reeducação” a que irá ser sujeito, passará ainda pela detenção no Mosteiro de São Bento da Saúde e, por último, no Real Hospício de Nossa Senhora das Necessidades, da Congregação do Oratório (Gonçalves, 2003).

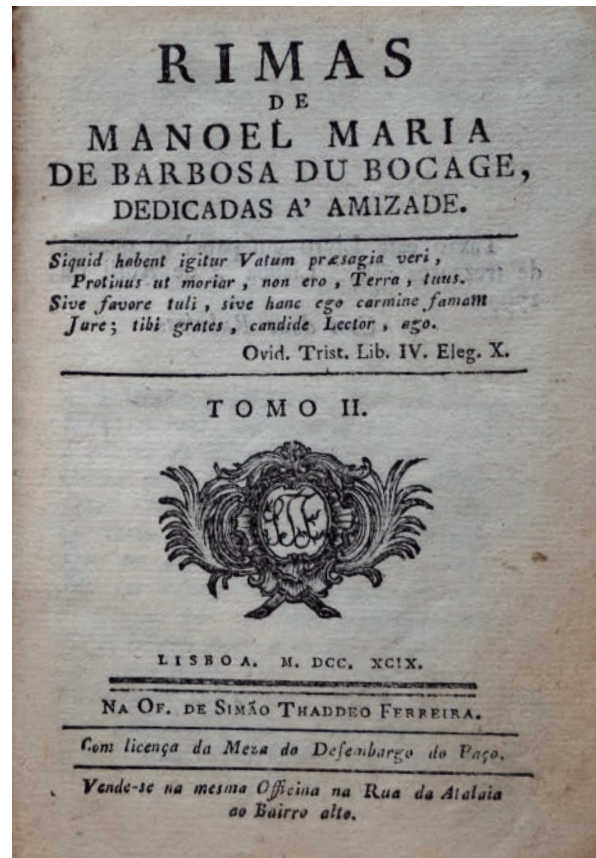
A passagem por estes dois institutos religiosos permitiu-lhe a utilização das suas valiosas bibliote-

cas e de tempo para se dedicar à leitura e à tradução de conceituadas obras literárias.

Recuperaria a liberdade no dia 31 de Dezembro de 1798, assegurando o seu sustento com o salário que passará a auferir enquanto revisor e tradutor na Tipografia do Arco do Cego, dirigida pelo reputado naturalista frei Mariano Veloso.

Publica, em 1799, o segundo tomo das “Rimas”, republicando, em 1800, o primeiro volume das mesmas.

A violência física e psicológica a que foi sujeito durante o período em que esteve privado da liberdade, ao contrário do que alguns poderão ser levados a julgar, não alterou a sua forma de ser e de pensar, apenas o tornaram mais cauteloso e só aparentemente alinhado com o regime. «Em 1800,



Bocage, Rimas de Manoel Maria de Barbosa du Bocage, Dedicada à Amizade (Tomo II) Lisboa: Oficina de Simão Thadeo Ferreira, 1799.

como se pode concluir pela leitura da *Gazeta de Lisboa, Bocage e Gonzaga, ex-presos políticos, disputavam a preferência dos leitores. Os poemas de Bocage corriam pelo mundo subterrâneo das “ideias do século”*» (Gonçalves, 2003).

Diga-se, em abono da verdade, que «[...] a censura perseguiu Bocage durante toda a sua vida. Muitos versos foram cortados, outros ostensivamente alterados, poemas houve que só postumamente viram a luz do dia. Compreende-se plenamente o seu anseio desesperado: “Liberdade, onde estás? Quem te demora?”» (Pires, 1995).

Em 1802 é denunciado à Inquisição como pedreiro-livre (maçom) por Maria Teodora Severiana Lobo, filha de uma pessoa do seu círculo de relações pessoais. O processo movido contra o poeta viria, contudo, a ser arquivado «[...] por falta de provas e provavelmente devido à saúde fragilizada do escritor [...]» (Pires, 1995).

Dois anos depois, em 1804, publica o terceiro volume das “Rimas”. Neste ano começam a ser evidentes os sintomas da doença que o haveria de vitimar.

Adoece gravemente em 1805, devido a um aneurisma na carótida.

Nos últimos meses de vida escreve freneticamente, traduzindo e publicando várias obras.

Morre a 21 de Dezembro, com apenas 40 anos, na Travessa André Valente, em Lisboa, tendo sido sepultado no cemitério da Igreja das Mercês.

#### **4 – O monumento a Bocage e a construção da memória**

##### *Bocage, o homem e a obra*

Há 150 anos, precisamente no dia 21 de Dezembro de 1871, no âmbito das comemorações do 1.º centenário do nascimento de Bocage (1865), é-lhe erigida uma estátua, em Setúbal, a segunda dedicada a um poeta em Portugal.

A verba angariada para a construção do monumento ao vate setubalense resultou de uma subscrição pública aberta em Portugal e no Brasil por iniciativa dos irmãos António e José Feliciano de Castilho, personalidades muito influentes e respeitadas no meio literário da época.

Afinal, quem era Manuel Maria de Barbosa l’Hedois du Bocage, que congregava, em ambos os lados do Atlântico, mais de sessenta anos depois da sua morte, tanta admiração e apreço?

O cuidado que revelou com a selecção do vocabulário, com a métrica e com a forma como estrutu-

rava os seus poemas, levou a que o poeta brasileiro Olavo Bilac (1865-1918), estudioso e divulgador da obra bocagiana, sobre ele afirmasse o seguinte:

«*Em Portugal, a arte de fazer versos chegou ao apogeu com Bocage, e depois dele decaiu. Da sua geração, e das que a precederam, foi ele o máximo cinzelador da métrica. [...] Depois dele, Portugal teve talvez poetas mais fortes, de surto mais alto, de mais fecunda imaginação. Mas nenhum o excedeu, nem o igualou no brilho da expressão*» (Bilac, 2001).

Em termos gerais, podemos referir que Bocage foi um escritor muito versátil, tendo cultivado a maioria dos géneros poéticos da sua época: o soneto, a cantata, a canção, o epigrama, a écloga, o epitáfio, o madrigal, a ode, a epístola, o elogio, a poesia sobre mote, o idílio, o epicédio, entre outros.

Embora prevalecendo a vertente lírica, Bocage foi também autor de composições satíricas, eróticas, dramáticas (exemplos: “Atílio régulo” e “A virtude laureada”), fábulas e de textos de intervenção social.

Foi, igualmente, autor de várias traduções, sobretudo de obras francesas e latinas de reputados escritores, em particular na fase final da sua vida quando trabalha como revisor e tradutor na Oficina e Tipografia do Arco do Cego, em Lisboa (1799-1801). Esta é, ainda nos nossos dias, uma das facetas pouco conhecidas e pouco valorizadas da obra multímoda de Bocage.

Existem alguns textos bocagianos de referência, infelizmente ainda mal conhecidos e pouco estudados, que nos devem merecer, pelo seu significado e alcance, uma atenção especial, como, por exemplo: “Leandro e Hero”, “À morte de Inês de Castro”, “Cartas de Olinda e Alzira” e “Pavorosa ilusão da eternidade”.

Os dois últimos textos (“Cartas de Olinda e Alzira” e “Pavorosa ilusão da eternidade”), pelo teor e alcance político-social da sua mensagem, podem ser considerados manifestos iluministas, ombreado com o que de melhor se produziu na Europa do seu tempo (Pires, 2005).

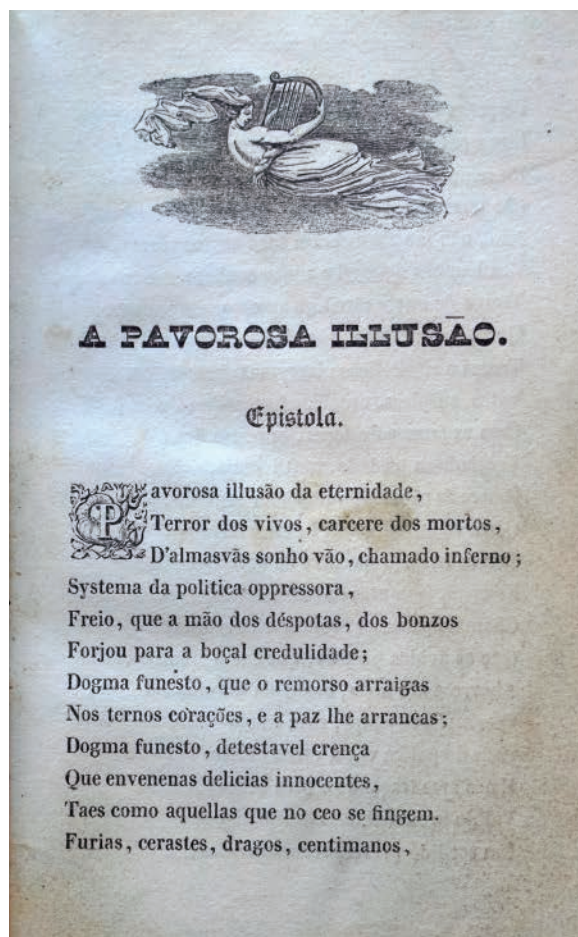
##### *Atracção e sedução por Bocage – A construção do mito*

Pela postura crítica e irreverente que assumiu ao longo da sua vida, Bocage conquistou a simpatia e a admiração de muitos portugueses (... e brasileiros), que o transformaram num símbolo da luta contra a opressão e os interesses instalados.

Não será, portanto, difícil «*defender a tese de que Bocage encarnou o inconsciente colectivo do povo*



Bocage - Cartas de Olinda e Alzira. Lisboa, Livraria Editora Guimarães e C.ª, 1915.



Bocage – “Pavorosa Ilusão da Eternidade”. Paris, J. P. Aillaud, 1834.

português», como o bocagiano Daniel Pires afirma (Pires, 2010).

Manuel Maria torna-se, assim, um herói popular idolatrado pelas massas, dando-se início à construção do mito.

#### *Anedotas e piadas de Bocage*

Com o passar do tempo, o poeta conquista o estatuto de «voz do povo oprimido mas crítico que compensava com o riso, com a caricatura e com o ridículo a sua legítima insatisfação». Daí a atribuir-lhe «a participação activa em ocorrências cómicas, satíricas ou brejeiras» foi um pequeno passo, pois «o seu aval tornaria as situações mais credíveis e humorísticas» (Pires, 2010).

Nascem, desta forma, as chamadas “anedotas do Bocage”, conservadas e glorificadas pela tradição oral como se se tratassem de produções saídas da sua pena ou de situações experienciadas pelo próprio.

#### *Interesse e pertinência das “anedotas do Bocage”*

Embora se saiba hoje que Bocage não terá sido o autor das anedotas e piadas que a tradição lhe atribui, no entanto elas revestem-se de interesse e devem tornar-se objecto de estudo, pois a filosofia e mensagem da maioria destes textos é genuinamente bocagiana, como muitos dos que privaram de perto com ele atestaram (Pires, 2010).

Se quisermos, poderemos considerá-las como reinvenções ou recriações livres, de cariz popular,

inspiradas na poesia satírica e erótica do *Elmano Sadino*, as suas duas grandes veias transgressoras.

### **Aproveitamento e exploração indevida da “marca Bocage”**

A publicação do primeiro livro de anedotas atribuído a Bocage que se conhece é de inícios do século XX, estando relacionado com a conjuntura político-social que se vivia nos finais da monarquia, bem como com a aproximação das comemorações do 1.º centenário da morte do poeta (1905).

A partir desta data e até à Revolução de 25 de Abril de 1974 foram inúmeras as edições que se fizeram, algumas delas clandestinas, sendo este período considerado a “idade de ouro” das chamadas “anedotas do Bocage”.

Bocage, figura mítica, símbolo de resistência à opressão e de luta pela Liberdade, “emprestou” o seu nome a muitas destas publicações, sobretudo durante a vigência do Estado Novo (1933-1974).

Todavia, editores pouco escrupulosos e apenas com o lucro na mira, que procuravam agradar a um público numeroso, embora de baixo nível cultural, «*instrumentalizaram o seu nome, optando pelo primarismo e pela obscenidade. Confundiram talvez conscientemente erotismo com pornografia, sensualidade com boçalidade, ironia subtil com sarcasmo*» (Pires, 2010) prestando, desta forma, um mau serviço a Bocage e contribuindo para denegrir a imagem pública do poeta e desvirtuar a sua obra, colando-lhe o rótulo de autor brejeiro e mesmo pornográfico que, infelizmente, ainda subsiste até aos nossos dias em largas camadas da população.

### **Construção de um novo paradigma bocagiano**

No ano em que se assinalam os 150 anos da inauguração do monumento a Bocage (1871-2021), é nosso dever, enquanto cidadãos comprometidos com a defesa dos valores que enformam as modernas sociedades democráticas, promover mais uma jornada de reflexão e de sensibilização bocagianas, contribuindo para dar a conhecer a obra multifacetada de um dos expoentes máximos da nossa literatura.

É uma tarefa urgente e inadiável fomentar uma ampla divulgação da obra do poeta, de forma a combater alguns estereótipos que teimosamente persistem em não desaparecer, mutilando, menorizando e empobrecendo o legado de uma das figuras cimeiras do Iluminismo português. (Chitas, 2018) Para tal, é indispensável captar e envolver nesta tarefa a comunidade educativa, em especial os professores, como agentes principais da mudança de paradigma que se pretende. Trabalhar as novas gerações é uma aposta fundamental se quisermos inverter a imagem deformada e redutora que ainda existe sobre a vida e a obra do poeta.

Numa escola pública que tem como missão fundamental educar para a cidadania e os valores democráticos, Bocage, o poeta da Liberdade, é cada vez mais uma figura incontornável.

### **Bibliografia**

- Bilac, Olavo (2001) – *Bocage* (conferência realizada no Teatro Municipal de S. Paulo em 19 de Março de 1917). Setúbal: Centro de Estudos Bocagianos.
- Chitas, António (2018) – Centenários bocagianos, momentos de homenagem a um poeta singular (sécs. XIX-XX). *Musa. Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios*, 5, p. 261-270.
- Claro, Rogério (2012) – *Setúbal após o terramoto de 1755: as informações paroquiais de 1758*. Setúbal: Centro de Estudos Bocagianos.
- Duarte, Susana; Soares, Joaquina; Tavares da Silva, Carlos (2014) – Intervenção arqueológica na Rua Álvaro Castelões n.º 38 e 40 (Setúbal) e sismo de 1755. *Setúbal Arqueológica* 15, p. 341-372.
- Gonçalves, Adelto (2003) – *Bocage, o perfil perdido*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Morais, Jorge (2007) – *Bocage Maçon*. Coimbra: Via Occidentalis Editora.
- Obras Completas de Bocage (2017-2018) – organização, fixação do texto e notas de Daniel Pires. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Pires, Daniel (1995) – *Exposição bibliográfica comemorativa dos 230 e dos 190 anos do nascimento e da morte de Bocage*. Setúbal: Câmara Municipal de Setúbal.
- Pires, Daniel (2005) – Eis Bocage ... duzentos anos depois. *em linha* [consult. 30.07.2021]. Disponível na Internet: <http://purl.pt/1276/1/bocage.html>
- Pires, Daniel (2010) – *Anedotas de Bocage* (estudo introdutório), 5.ª edição. Lisboa: Editorial Vega.

**António Chitas**

Professor e investigador bocagiano



# BREVE CRONOLOGIA BOCAGIANA

Compilação publicada em “O Setubalense”

1765 – Nasce, em Setúbal, Manuel Maria de Barbosa l’Hedois du Bocage, filho de José Luís Soares de Barbosa e de Mariana Joaquina Xavier l’Hedois Lestoff du Bocage.

1767 – Falecimento de Pierre-Joseph Fiquet du Bocage, tio-avó de Bocage, conhecido literato francês, que se destacou como tradutor de obras de teatro inglesas. Foi casado com a célebre poetisa e tradutora francesa Madame du Bocage.

1771 – O pai de Bocage é preso na cadeia do Limoeiro, sob a acusação de ter desviado dinheiros públicos enquanto ouvidor na comarca de Beja, cumprindo uma pena de reclusão de quase seis anos.

1774-1775 – Morte da mãe de Bocage (1774) e dos avós paternos, Luís Barbosa Soares (1775) e Eugénia Maria Inácia Bulhões (1774), suportes familiares na ausência do pai, ficando o poeta e os seus irmãos entregues ao cuidado de familiares próximos.

1781 – Alista-se como voluntário no Regimento de Infantaria de Setúbal (actual Escola de Hotelaria).

1783 – Pede a sua transferência para a Armada Real, começando a frequentar, em Lisboa, o curso de guardas-marinhas.

1784 – Abandona a Companhia de Guardas-Marinhas, recebendo baixa como desertor.

1786 – Beneficiando de um perdão régio, reingressa na Armada Real, sendo, posteriormente, enviado como guarda-marinha para os “Estados da Índia”, com destino a Goa.

Nesta viagem, faz escala no Rio de Janeiro e na Ilha de Moçambique, lugares onde passa algum tempo.

1789 – Promovido a segundo-tenente de infantaria é transferido para Damão, de onde deserta – segunda deserção na sua carreira militar – pouco depois.

Passa, então, por Surate, na Índia, seguindo depois para Cantão e, posteriormente, para Macau, tendo, após uma breve passagem por este território, regressado a Portugal.

1790 – Chegando a Lisboa é convidado para integrar a recém-criada Academia das Belas-Letras, também conhecida por Nova Arcádia, entidade cultural controlada pelo Intendente-Geral da Polícia, Pina Manique, e alinhada com a ordem social vigente. Nesta academia passará a ser conhecido pelo nome arcádico de Elmano Sadino.

1791 – Publica as seguintes obras: primeiro tomo das “Rimas”, “Queixumes do pastor Elmano contra a falsidade da pastora Urselina” e “Idílios marítimos”.

1793 – Entra em rota de colisão com os seus confrades da Academia das Belas-Letras. Este episódio, que ficará conhecido pela “guerra dos vates”, contribuiu para a consagração de Bocage como poeta satírico e genial repentista.

1794 – Insatisfeito com a qualidade de alguns dos textos saídos a lume no primeiro volume das “Rimas”, revê a obra e publica uma nova edição da mesma.

É afastado da Academia das Belas-Letras, na sequência do grave conflito criado com os seus pares.

A Intendência-Geral da Polícia aperta a vigilância em torno de Bocage, seguindo de perto todos os seus passos.

1795 – Bocage terá sido, provavelmente, iniciado na Maçonaria entre 1795 e 1797, sendo, contudo, de considerar que a sua ligação e relacionamento com personalidades afectas a esta organização já durasse há algum tempo.

Integrará o quadro social da Loja Fortaleza, que virá a ser co-fundadora do Grande Oriente Lusitano (1804), passando a usar o nome de Lucrécio.

1797-1798 – Sob a acusação de ser autor de “papéis ímpios, sediciosos e críticos”, é posto a ferros na cadeia do Limoeiro, no dia 7 de Agosto, de onde será transferido, cerca de três meses depois, para os cárceres da Inquisição, onde permanecerá outros três meses.

No âmbito do seu processo de “reeducação”,

passará ainda pela detenção no mosteiro de São Bento da Saúde e, por último, no Real Hospício de Nossa Senhora das Necessidades, da Congregação do Oratório.

A passagem por estes dois institutos religiosos permitiu-lhe a utilização das suas valiosas bibliotecas e de tempo para se dedicar à leitura e à tradução de conceituadas obras literárias. Recuperaria a liberdade no dia 31 de Dezembro de 1798.

1799 – Começa a trabalhar como redactor e tradutor na Tipografia do Arco do Cego, dirigida por frei Mariano Veloso, onde permaneceria até 1801. Publica o segundo tomo das “Rimas”.

1800 – Republica o primeiro volume das “Rimas”. É vendida, em hasta pública, a casa de família onde Bocage nascera, sita no largo de Santa Maria, no âmbito do processo judicial movido, três décadas antes, contra seu pai.

1802 – Denunciado à Inquisição como pedreiro-livre (maçom) por Maria Teodora Severiana Lobo, filha de uma pessoa do seu círculo de relações pessoais. O processo movido contra o poeta viria, contudo, a ser arquivado.

Falecimento de seu pai e de sua tia-avó Anne-Marie Fiquet du Bocage, mais conhecida por Madame du Bocage, cujo talento literário foi muito elogiado por Voltaire. Bocage viria a traduzir para português o canto primeiro do seu poema épico “Colombiada ou a fé levada ao Novo Mundo”.

1804 – Publica o terceiro volume das “Rimas”. Começam a manifestar-se os sintomas da doença que o haveria de vitimar.

1805 – Adoece gravemente, devido a um aneurisma na carótida.

Nos últimos meses de vida escreve freneticamente, traduzindo e publicando várias obras.

Morre a 21 de Dezembro, com apenas 40 anos, na travessa André Valente, em Lisboa, tendo sido sepultado no cemitério da Igreja de Nossa Senhora das Mercês.

1871 – No dia 21 de Dezembro de 1871, no âmbito das comemorações do primeiro centenário do seu nascimento, é-lhe erigida uma estátua, em Setúbal, a segunda dedicada a um poeta em Portugal.

**António Chitas**

Professor e investigador bocagiano

# CATÁLOGO DOS MATERIAIS EXPOSTOS

## SISMO DE 1755

**1** - Registo de azulejos da segunda metade do século XVIII, com representação de S. Marçal, santo protector contra as calamidades e patrono dos Bombeiros. Centro Histórico de Setúbal. Rua Antão Girão, nº 71. Foto de Rosa Nunes. Col. MAEDS.

**2** - Registo de azulejos da segunda metade do século XVIII, com a figuração da sagrada família, recebendo o Espírito Santo e, em cartela, na base do registo, uma representação de S. Marçal, com os seus característicos atributos de Bispo. Centro Histórico de Setúbal. Rua Dr. Paula Borba, nº 59. Foto de Rosa Nunes. Col. MAEDS.

*Largo António Joaquim Correia e Avenida Luisa Todi, 170-178. Materiais recuperados na camada de derrubes provocados pelo sismo de 1755:*

**3** - Prato de faiança portuguesa (azul e branca) dos séculos XVII/XVIII. Col. MAEDS.

**4** - Caneca vidrada de importação inglesa (Staffordshire). Col. MAEDS.

**5** - Caneca de grés cerâmico vidrado com decoração a azul cobalto. Importação alemã. Col. MAEDS.

**6** - Vasos de noite em faiança. Col. MAEDS.

**7** - Fornilho de cachimbo em caulino de produção holandesa. Col. MAEDS.

**8** - Cachimbo em caulinite de provável origem holandesa. Col. MAEDS.

**9** - Medidas de capacidade em cerâmica comum. Col. MAEDS.

**10** - Garrafa de vidro. Segundo quartel de século XVIII. Provavelmente produzida na Real Fábrica de Coína, destinada a conter “água de Inglaterra”, água de quina, muito divulgada no século XVIII pelas suas qualidades medicinais. Não é de descartar a hipótese do cônsul inglês ter estado associado à rede de distribuição deste medicamento. Col. MAEDS.

**11** - Frascos de vidro do segundo quartel do século XVIII. Col. MAEDS.

**12** - Cálice de vidro, “xícara de aguardente”, do segundo quartel do século XVIII. Real Fábrica de Coína. Col. MAEDS.

**13** - Moeda (III réis) de D. João V (1734) em cobre. Col. MAEDS.

**14** - Moeda (V réis) de D. João V (1724) em cobre. Col. MAEDS.

**15** - Moedas (V e X réis) de D. João V (1712-1749) em cobre. Col. MAEDS.

**16** - Medalha com representação de S. José (anverso) e N. Senhora, Sta. Ana e o Menino (reverso). Col. MAEDS.

**17** - Medalha com representação de S. Caetano (anverso) e Sta. Rosa de Lima (reverso). Col. MAEDS.

**18** - Medalha com representação de S. Francisco Xavier. Col. MAEDS.

## GRAVURAS

**19** - Planta das muralhas e fortificações da Vila de Setúbal. Gravura “Annales d’Espagne et de Portugal”, 1741. Col. José Madureira Lopes.

**20** - Frente ribeirinha de Setúbal. Autor: Teotónio Banha. Gravura

de 1827. Col. Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares.

**21** - “Vista geral de Setúbal”. Autor: Enrique Casanova. 1885. Reprodução litográfica policromada da publicação quinzenal Portugal Pitoresco. Lisboa: Typ de Adolpho Modesto & C.ª. 26,5x37,7 cm. Col. José Madureira Lopes.

**22** - “Manoel Maria de Barbosa du Bocage”. Autor: Francisco Bartolozzi. 1806. Gravura sobre papel. 29,2x19,7 cm. Com timbre do Museu Nacional de Arte Antiga. Col. José Madureira Lopes.

**23** - “Manoel Maria de Barbosa du Bocage”. Autor: C. Legrand. S/d. Litografia. 22 x18 cm. Col. José Madureira Lopes.

**24** - “Bocage”. Gravura in Almêno Tagídeo. *Elegia à deplorável morte do insigne poeta Manuel Maria de Barbosa du Bocage*. 1805. Lisboa: Impressão régia. 21x15 cm. Col. José Madureira Lopes.

## BIBLIOGRAFIA ACTIVA

**25** - Bocage, M. M. B. du (1799) - *Rimas de Manoel Maria de Barbosa du Bocage, Dedicadas a’ Amizade*. Tomo II. Lisboa: na oficina de Simão Thadeo Ferreira. Col. António Chitas.

**26** - Cardoso, José Francisco (Trad. 1800) - *Canto Heróico sobre as Façanh. dos Portuguezes na Expedição de Tripoli... / Traduzido por Manuel Maria Barbosa du Bocage*. Lisboa: Offic. da Casa Litterária do Arco do Cego. Col. José Madureira Lopes.

**27** - Bocage, M. M. B. du (1801) - *O Consórcio das Flores*. Epístola de De La Croix a seu irmão. Traduzida em verso em português por M. M. B. Bocage. Lisboa: Typographia Chalcographica, e Litterária do Arco do Cego, 61 pp.: 2 est.; 21 cm-E. Col. José Madureira Lopes.

**28** - Bocage, M. M. B. du (1805) - *Improvisos de Bocage na sua mui perigosa enfermidade, dedicados a seus bons amigos e Collecção dos novos improvisos de Bocage na sua moléstia, com as obras, que lhe forão dirigidas, por vários poetas nacionais, dedicada a seu benéfico amigo o senhor Marcos Aurelio Rodrigues*. Lisboa: Impressão Régia. Col. José Madureira Lopes.

**29** - Bocage, M. M. B. du (1806) - *Rimas de Manoel Maria de Barbosa du Bocage*. Tomo I, 3ª. Edição. Lisboa: na oficina de Simão Thadeo Ferreira. Col. António Chitas

**30** - Bocage, M. M. B. du (1820) - *Obras Poéticas de Manoel Maria de Barbosa du Bocage, [...]*. Tomo IV, 2ª. edição. Lisboa: Impressão J. B. Morando. Col. António Chitas.

**31** - Bocage, M. M. B. du (1825) - *Erícia, ou a Vestal*. Tragédia de Mr. D’Arnaud traduzida por M. M. B. Bocage. Lisboa: Imprensa da Rua dos Fanqueiros. Col. José Madureira Lopes.

**32** - Bocage, M. M. B. du (1834) - *A Pavorosa Ilusão da Eternidade*. Paris: J. P. Aillaud. Col. José Madureira Lopes.

**33** - Bocage, M. M. B. du (1854) - *Poesias Eróticas, Burlescas e Satíricas*. Bruxellas: s/e. Col. José Madureira Lopes.

**34** - Bocage, M. M. B. du (1875) - *Obras Poéticas de Bocage*. Bibliotheca da Actualidade. Vol.: V, Nº 19 e 20. Porto: Bibliotheca da Actualidade. Col. José Madureira Lopes.

**35** - Bocage, M. M. B. du (1896) - *Poesias Inéditas de Bocage*.

*Censura das mesmas. Defesa pelo Auctor.* Lisboa: Henrique Zeferino – Livreiro Editor. Col. António Chitas.

**36** – Couto, António Maria do (1896) - *Memórias sobre a Vida de Manoel Maria Barbosa du Bocage*. Lisboa: Of. Simão Thadeo Ferreira. Col. José Madureira Lopes.

**37** – Bocage, M. M. B. du (1921) - *Sonetos Escolhidos* (compilação de Da Cunha). Lisboa: Edições Delta. Col. António Chitas.

**38** – (s/d) - *Obras de Bocage - Glosas, Apólogos e Elogios*. Lisboa: Editores Santos & Vieira - Empresa Literária Fluminense. Col. José Madureira Lopes.

**39** – (s/d) - *Sonetos de Bocage*. Leipzig: Schmidt & Gunther-E. Edição Lilliput. Col. José Madureira Lopes.

**40** – (1915) - Bocage - *Cartas de Olinda e Alzira*. Lisboa: Livraria Editora Guimarães e C.<sup>a</sup>. Esta obra é publicada, pela primeira vez, clandestinamente, em 1854, integrada nas *Poesias eróticas, burlas e satíricas*, cujo editor literário é Inocêncio Francisco da Silva. A 1.<sup>a</sup> edição livre, em Portugal, data de 1979, e é da editora Mocho (Braga). Col. José Madureira Lopes.

### CONSTRUÇÃO E PERPETUAÇÃO DA MEMÓRIA

**41** – Documento de 1771 assinado por José de Seabra da Silva – estadista que exerceu funções governativas nos reinados de D. José I e D. Maria I –, antigo colega de curso do pai de Bocage e protector do poeta. Aquando da sua prisão na Cadeia do Limoeiro, em 1797, sob a acusação de ser autor de “papéis ímpios, sediciosos e críticos”, Bocage solicita, mais uma vez, a intervenção em seu favor de José de Seabra da Silva (vide epístola “Aos Felicíssimos Anos do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José de Seabra da Silva, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Reino, etc., etc., etc.”, publicada no tomo II das *Rimas*, em 1799). Col. António Chitas.

**42** – Macedo, José Agostinho de (1827) - *Sermão em Quarta Feira de Cinza, Pregado na Santa Igreja da Misericórdia de Lisboa a 3 de Março de 1813*. Lisboa: Typografia Lacerdina. Col. José Madureira Lopes.

**43** – Macedo, José Agostinho de (1830) - *O Dezengano. Periódico Político, e Moral*. Lisboa: Imprensa Régia.

«O padre José Agostinho de Macedo nasceu, em Beja, no ano de 1761 e faleceu, em Lisboa, no ano de 1831, sendo sacerdote, escritor e político. Foi um autor de escritos multifacetados (poesias, peças de teatro, ensaios de filosofia, escritos políticos, críticas literárias, sermões, etc.) com uma veia de polemista, que se excedeu inúmeras vezes pelo seu temperamento colérico, evidenciando uma aversão às revoluções liberais.

Tornou-se pregador régio e aproveitou as suas influências sociais, designadamente de Diogo Inácio de Pina Manique, para atacar os seus inimigos, designadamente Manuel Maria de Barbosa du Bocage e Almeida Garrett. Com o miguelismo, no final dos anos 20 do século XIX, pretendeu ser o ideólogo do absolutismo, tendo sido nomeado por D. Miguel ‘cronista régio’, evidenciando assim um pensamento tradicionalista e contra-revolucionário.

[...] Na linguagem desbragada das suas sátiras de verve contra-revolucionária atacou os liberais, em periódicos como *A Tripa Virada* (1823), *A Besta Esfolada* (1828-1829) e *O Dezengano* (1830-1831).

[...] Escreveu o poema épico “O Oriente”, com o qual se julgou o novo Luís Vaz de Camões de Oitocentos. Manteve uma grande amizade inicial com Bocage, mas a rivalidade poética acabou por levá-los a uma grande desavença pública numa polémica que a História registou.

Bocage, após ter sido fustigado pelos desmandos poéticos de José Agostinho, respondeu com um clamor e um sentido airoso com o seu poema *Pena de Talião*. No fim da vida de

Bocage, ainda José Agostinho o acompanhou, mas este atacou-o postumamente, em 1814, alguns anos após a sua morte, talvez pela vontade de se afirmar como o primeiro dos poetas da pátria».

Ferrão, Nuno Sotto Mayor (2019) – *José Agostinho de Macedo (1761-1831) – Os seus desmandos e estroinices*. em linha [consult. 17.03.22]. Disponível na Internet: <https://cronicasdo-professorferrao.blogs.sapo.pt/jose-agostinho-de-macedo-1761-1831-os-74624>. Col. José Madureira Lopes.

**44** – Silva, Luiz Augusto Rebello da (1854) - *Memória Biográfica e Litterária Acerca de Manoel Maria Barbosa du Bocage*. Lisboa: Typografia da Academia. Col. José Madureira Lopes.

**45** – Leal, José da Silva Mendes (1865) - *Os Primeiros Amores de Bocage*. Lisboa: Typographia Universal. Col. José Madureira Lopes.

**46** – 1867 - Cartas do Exm<sup>o</sup>. Sr. António Feliciano de Castilho e da Câmara Municipal de Setúbal. A respeito do Monumento a Bocage. Setúbal: Typografia – De José Augusto Rocha. Col. António Chitas.

**47** – Bilhete de transporte gratuito, com embarque na Praça do Commercio, para a inauguração da Estátua de Bocage na Cidade de Setúbal. 1871. Lisboa: Typ. de Castro Irmão. Col. José Madureira Lopes.

**48** – *Programma para a Inauguração da Estátua de Bocage na Cidade de Setúbal*. 1871. Lisboa: Typ. de Castro Irmão. Col. José Madureira Lopes.

**49** – Mattos, Francisco António de (1873) - *Abençoada Rosa!* Comédia em um acto. Representada no Theatro de Bocage em Setúbal, em Alcácer do Sal, Grândola e Arruda. Bibliotheca Romântica e Dramática, N<sup>o</sup> 7, 1.<sup>a</sup> Série, VI. Col. José Madureira Lopes.

**50** – Manuel Maria Barbosa du Bocage. Gravura inserta no jornal *Gazeta Commercial*, de 17 de Agosto de 1884. Col. José Madureira Lopes.

**51** – Passagem do Cortejo feito em Honra do Contingente de Caçadores N.<sup>o</sup> 1 (Praça de Bocage), então aquartelado no Baluarte de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Conceição. Foto: Kuchembuck de Figueiredo. 1896. Col. José Madureira Lopes.

**52** – Manuel Maria Portela. Photographia Cabecinha. Rua de S. Caetano, 27, Setúbal. Série 125. Final do Século XIX. Col. José Madureira Lopes.

**53** – Silva, Agostinho Velloso da (1904) – *História, Vida e Desventuras do Poeta Bocage*. Porto: Livraria Portuguesa-Editora. Col. José Madureira Lopes.

**54** – Ferreira, J. Santos (1904) - *O Bouquet Litterário. Colaboração escolhida contendo a seguinte matéria: Biographia e principaes improvisos do célebre poeta Bocage. Contos, anedoctas, receitas, máximas, pensamentos, sonetos, poesias, etc.* Leitura para praias, thermas e campos. Número único. Porto. Col. José Madureira Lopes.

**55** – (1905) - *A nossa homenagem ao insigne Poeta setubalense Bocage. Na passagem do 1.<sup>o</sup> Centenário da sua morte*. Lisboa: Imp. Libânio da Silva. Col. José Madureira Lopes.

**56** – (s/d) - *No Centenário do immortal Bocage. Biographia - Sonetos - Anecdotas - Glosas - Epigrammas e Fábulas*. Lisboa: Livraria Económica de J. Andrade & Lino de Souza. Col. José Madureira Lopes.

**57** – Saint-Pierre, Bernardin (1905) - *Historia de Paulo e Virginia* (tradução inédita de Bocage). Porto: Livraria Chardron, Lello & Irmãos Editores. Col. António Chitas.

**58** – (1905) - O monumento de Bocage em Setúbal. Que foi inaugurado em 21 de Dezembro de 1872 [sic]. Revista *Illustração Portuguesa*, N.<sup>o</sup> 111, 18 de Dezembro. Lisboa: Empreza do

jornal «O Século». Col. José Madureira Lopes.

**59** – Opúsculo comemorativo do primeiro Centenário da Morte de Bocage. 1905. Col. José Madureira Lopes.

**60** – (1905) - As Festas do Centenário de Bocage em Setúbal. Revista *Ilustração Portuguesa*, N.º 112, 25 de Dezembro. Lisboa: Empresa do jornal «O Século». Col. José Madureira Lopes.

**61** – (1905) - Camões acolhendo Bocage. Jornal humorístico *A Paródia*, 5.º Ano, N.º 151, 22 de Dezembro. Lisboa. Col. José Madureira Lopes.

**62** – Júnior, António César Mêna (1905) - *A casa onde falleceu Bocage. Notícia histórica commemorativa do 1.º centenário da morte do poeta*. Lisboa: Typ. Lallemand. Col. José Madureira Lopes.

**63** – Pagela com um soneto de Januário da Silva, publicado no âmbito do 1.º Centenário da Morte de Bocage, 21 de Dezembro de 1905. Col. António Chitas.

**64** – Oliveira, Paulino de (1905) - *Sonetos de homenagem no 1º centenário da morte do poeta Manoel Maria Barbosa du Bocage (Elmano Sadino)*. Setúbal: Imp. de Libânio da Silva. Col. António Chitas.

**65** – Freire, Henrique (1905) - *Centenário de Bocage. Os Parentes do Poeta (séculos XIX e XX)*. Setúbal: Editora Viúva & Filhos de J. C. Mattos Alves. Col. António Chitas.

**66** – Setúbal - Estátua de Bocage. Bilhete-postal Ilustrado, p/b. 1905. Editor: Mendes Estafeta. Col. José Madureira Lopes.

**67** – Setúbal - (Portugal) Estátua de Bocage. Bilhete-postal Ilustrado, p/b. Ano de circulação: 1907. Editor: Mendes Estafeta. Col. José Madureira Lopes.

**68** – Setúbal - Praça e Monumento a Bocage. Bilhete-postal Ilustrado, cor. Ano de circulação: 1909. Editor: Alberto Malva. Col. José Madureira Lopes.

**69** – (1911) - Setúbal - *Grandes festas da cidade nos dias 15, 16 e 17 de Setembro de 1911. Aniversário do nascimento do immortal vate setubalense Manoel Maria Barbosa du Bocage*. Setúbal: Tip. Santos. Col. José Madureira Lopes.

**70** – Trigueiros, Luíz (1912) - *Poetas do Amor - Bocage*. Palestra litterária realizada no “Chiado Terrasse” em 25 de Abril de 1912. Lisboa: Minerva Nacional. Col. José Madureira Lopes.

**71** – (1912) - Bocage (Manuel Maria Barbosa du) – *Elmano sadino. Contendo muitas poesias, satyras; aneddotas e improvisos do egrégio poeta*. Lisboa: Empresa Litterária Universal. Col. José Madureira Lopes.

**72** – Amaral, Eloy do (1913) - *Bocage. Fragmentos de um estudo auto-biográfico*. Com dedicatória. Figueira: Imprensa Lusitan. Col. José Madureira Lopes.

**73** – Bilac, Olavo (1917) - *Bocage*. Porto: Renascença Portuguesa. Col. José Madureira Lopes.

**74** – (1926) - Piadas de Bocage. 3.ª edição. Lisboa: Tipografia Gonçalves. Col. António Chitas.

**75** – D'Avila, Artur Lobo; Mendes, Fernando (1926) - *A verdadeira Paixão de Bocage - O Romance Popular*. Lisboa: Secção Editorial de “O Século”. Col. José Madureira Lopes.

**76** – “Bocage”. Gravura de Abílio Guimarães na capa da revista *Portugal*, N.º 76. 16 de Setembro de 1926. Col. José Madureira Lopes.

**77** – Monumento a Bocage, na Praça de Bocage. Foto: Américo Ribeiro. 1930. Col. José Madureira Lopes.

**78** – Martins, José F. Ferreira (1935) - *Amores de Bocage na Índia*. Lisboa: Livraria Central Editora. Col. José Madureira Lopes.

**79** – Sequeira, Matos; Coelho, Pereira (1936) - *Estes são os*

*autênticos versos do Bocage. Filme de Leitão de Barros*. Lisboa: s/e. Col. José Madureira Lopes.

**80** – Pagela publicitária intitulada “Amor é cego e vê”, do filme “Bocage”, de Leitão de Barros. 1936. Col. José Madureira Lopes.

**81** – Desdobrável publicitário do filme “Bocage” de Leitão de Barros. 1936. Col. António Chitas.

**82** – Prospecto publicitário do filme “Bocage”, de Leitão de Barros. 1936. Col. António Chitas.

**83** – *A morte de Bocage*. Arquivo Nacional, N.º 259, 23 de Dezembro de 1936. Col. José Madureira Lopes.

**84** – Monumento a Bocage, na Praça de Bocage, reconhecendo-se à direita a igreja de S. Julião. Foto: Américo Ribeiro. 1940. Col. José Madureira Lopes.

**85** – *Quem pagou a estátua de Bocage em Setúbal? Um gesto nobilíssimo que deve ser lembrado*. Arquivo Nacional, N.º 524, 1942. Col. José Madureira Lopes.

**86** – Monumento a Bocage, na Praça de Bocage. Foto: Américo Ribeiro. 1948. Col. José Madureira Lopes.

**87** – Jesus, Henriques de (1949) - *Bocage. No sétimo centenário da autonomia administrativa de setúbal*. S/l: s/e. Col. José Madureira Lopes.

**88** – Monumento a Bocage, na Praça de Bocage, reconhecendo-se à esquerda o Café Central. Foto: Américo Ribeiro. 1951. Col. José Madureira Lopes.

**89** – Monumento a Bocage, na Praça de Bocage, reconhecendo-se em frente a igreja de S. Julião. Foto: Américo Ribeiro. 1952. Col. José Madureira Lopes.

**90** – Prato comemorativo “Festas Centenárias - Setúbal”. Autor: desconhecido. 1960. 20 cm (diâmetro). Col. José Madureira Lopes.

**91** – Casa Onde Nasceu o Poeta Bocage - Setúbal. Bilhete postal ilustrado, p/b. Década de 60. Desenho de A. Braz Ruivo. Editor: Comissão Municipal de Turismo - Setúbal. Col. José Madureira Lopes.

**92** – Praça de Bocage, com o monumento a Bocage, reconhecendo-se, à direita, a cervejaria Reno. 1962. Foto: Américo Ribeiro. Col. José Madureira Lopes.

**93** – Postal com reprodução do retrato de Bocage, pintado por Henrique da Silva em 1805. 1965. Col. António Cunha Bento.

**94** – Envelope Comemorativo do II Centenário do Nascimento de Bocage (1º Dia de Circulação), 28 de Dezembro de 1966. Col. António Chitas.

**95** – Retrato - Bocage e a repressão política. Década de 70. Tipografia Rápida de Setúbal, Lda. Col. José Madureira Lopes.

**96** – “Bocage – Líricas e Sátiras”, Disco de vinil (LP), Textos ditos por José Carlos Ary dos Santos. 1975. Produzido e editado por Sassetti. Col. António Chitas.

**97** – “Bocage – Sonetos Eróticos”. Disco de vinil (LP). Interpretação de Andrade e Silva. S/d. Editora Mundosom. Col. António Chitas

**98** – (1978) - Bocage - Setúbal não o esqueceu. Revista *Presença de Setúbal*, Ano II, N.º 18, Setembro. Col. José Madureira Lopes.

**99** – (1979) - *Aneddotas de Bocage. Selecção das melhores piadas de Bocage*. Lisboa: Propriedade Portugal Press. Col. António Chitas.

**100** – (1981) - *Resistência - Revista de História, cultura e crítica*. Ano XII, N.º 211/212, Fevereiro. Col. José Madureira Lopes.

**101** – Cutileiro, Alberto (1981) - O nome do Guarda-Marinha Bocage e o ingresso na Real Academia dos Guardas-Marinhas.

*Revista da Armada*, Nº 112, Janeiro. Lisboa. Col. José Madureira Lopes.

**102** – (1988) - *Pedro Carlos Reis - Escultor da Estátua de Bocage. Folheto de exposição*. Setúbal: Casa Bocage. Col. José Madureira Lopes.

**103** – Calendários do Café Nicola, com imagens das pinturas existentes no mesmo, alusivas a Bocage. 1988. Col. José Madureira Lopes.

**104** – (1996) - *Pedro Carlos Reis (1819-1893) - Escultura e Desenho*. Catálogo da exposição. Setúbal: Casa Bocage. Col. José Madureira Lopes.

**105** – Gonçalves, Adelto (2003) – *Bocage, o Perfil Perdido*. Lisboa: Editorial Caminho. Col. António Chitas.

**106** – *Bocage* - Mini-série televisiva (8 episódios). No âmbito do II Centenário da Morte de Bocage. 2006. Realização de Fernando Vendrell. RTP Vídeos. Col. António Chitas.

**107** – Pires, Daniel (2015) - *Bocage: a Imagem e o Verbo*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Col. António Cunha Bento.

**108** – Envelope Comemorativo do 250 Anos do Nascimento de Bocage (1º Dia de Circulação), 15 de Setembro de 2015. Col. António Chitas.

**109** – Galrinho, António (compilação) (2017). *Poesia Erótica do Tempo de Bocage*.

**110** – Gonçalves, Adelto (2021) - *Bocage, o Perfil Perdido*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo (Imesp). Col. António Chitas.

**111** – (S/d) - *Piadas do Bocage. Livro para rir*. Lisboa: Livraria Barateira. Col. António Chitas.

**112** – (S/d) - *Piadas do Bocage. Anevdotas para rir, Anevdoctas do Bocage*. Vol.: 1 e 2. S/l: s/e. Col. António Chitas.

**113** – (S/d) - *Bocage. Anevdotas e poesias*. S/l: s/e. Col. José Madureira Lopes.

**114** – (S/d) - *Anevdotas do Bocage*. Lisboa: Coleção Económica. Col. António Chitas.

**115** – (S/d) - *Anevdotas do Bocage*. Porto: Edição da Gráfica Imperial. Col. António Chitas.

**116** – (S/d) - *Piadas e Anevdotas do Bocage*. Lisboa: Livraria Romero – Editora. Col. António Chitas.

**117** – “Bocage - Séc. XVIII. Poeta sadino da Arcádia Ulyssiponense”. Desenho de Alberto Souza. S/d. Col. José Madureira Lopes.

**118** – Setúbal. Casa onde nasceu Bocage. Bilhete-postal Ilustrado, p/b. Não circulado. Editor: Pap. e Typ. de Paulo Guedes & Saraiva. Col. José Madureira Lopes.

**119** – Jornal do filme “Bocage - O Triunfo do Amor”, incluindo um preservativo alusivo. S/d. Setúbal: Fórum Luísa Todí. Col. José Madureira Lopes.

**120** – Estátua de Bocage, reconhecendo-se, ao fundo a fábrica de moagem lisboense. Foto: Américo Ribeiro. S/d. Col. José Madureira Lopes.

**121** – Estátua de Bocage. Foto: Américo Ribeiro. S/d. Col. José Madureira Lopes.

#### **BOCAGE À MESA DO CAFÉ**

**122** – Garrafinha de licor, com o rótulo “Laranja de Setúbal” mostrando a imagem do Monumento a Bocage. Década de 1900. Fábrica Âncora, Lisboa. 8x4 cm. Col. José Madureira Lopes.

**123** – Pires e chávena Vista Alegre “Bocage”. 1947-1968. 6 cm de altura. Col. José Madureira Lopes.

**124** – Busto de Bocage em gesso. Década de 1960. 9 x5 cm.

Col. José Madureira Lopes.

**125** – Busto de Bocage em bronze. Década de 1960. 21 cm (altura). Col. José Madureira Lopes.

**126** – Pires e chávena “Bocage”. Década de 1960. 4,5 cm de altura. Col. José Madureira Lopes.

**127** – Copo de vidro “Praça do Bocage”. Década de 1960. 11 cm de altura. Col. José Madureira Lopes.

**128** – Pasta de estudante, em pele, com a imagem de Bocage. Década de 1960. 23x18 cm. Col. José Madureira Lopes.

**129** – Zinco gravura para rótulo de garrafa “Aniz Elmano Sadino”. Década de 1960. Col. José Madureira Lopes.

**130** – Medalha em bronze, alusiva a Manuel Maria de Barbosa du Bocage. Gravador: Vasco Nunes. S.d. 10x7cm. Col. António Chitas.

**131** – Medalha em bronze, comemorativa do II Centenário do Nascimento de Bocage (1765-1965). Patrocinada pela C. M. de Setúbal. 7cm diâmetro. Col. António Chitas.

**132** – Busto de Bocage em bronze. Década de 70. 7x4 cm. Col. José Madureira Lopes.

**133** – Placa de cerâmica com representação de Bocage, em relevo. Produzida nas vésperas do II Centenário da Morte do poeta. 2004. Setúbal. Col. António Chitas.

**134** – Medalha em bronze, comemorativa do Bicenténário do Nascimento de Bocage. 6x8cm. Col. António Chitas.

**135** – Azulejo com representação de Bocage. Produzido na Escola Básica dos 2.º e 3.º ciclos de Bocage (Clube de Cerâmica). 2010. Col. António Chitas.

**136** – Busto de Bocage em cerâmica. Autoria: Mariana Ricardo. Comemorações dos 250 anos do Nascimento de Bocage. 2015. 17x9 cm. Col. António Chitas.

**137** – Cinzeiro em cerâmica com representação de Bocage. Comemorativo dos 250 anos do Nascimento de Bocage. 2015. Col. António Chitas.

**138** – Café – Caixas com cápsulas de café. Marca Nicola (Rossio e Bocage). Col. António Chitas.

**139** – Toalha de Mesa em uso no Café Nicola, em Lisboa, estampada em algodão com a imagem do poeta. Adquirida em 2020. Col. António Chitas.

**140** – Prato de faiança com representação de Bocage. Autor: desconhecido. S/d. Col. António Chitas.

**141** – Medalha em bronze, alusiva a Manuel Maria de Barbosa du Bocage. Gravador Cabral Antunes. 6 cm (diâmetro). S/d. Col. António Chitas.

**142** – Prato decorativo “Bocage”. Autor: Rui Cruz. S/d. Col. José Madureira Lopes.

**143** – Porta Chaves metálico “Bocage”. S/d. Col. José Madureira Lopes.

**144** – Conjunto de notas de escudo, em plástico, homenageando portugueses ilustres, sendo a de 100\$00 com a imagem de Bocage. S/d. Col. José Madureira Lopes.

**145** – “Nicola”, pires e chávena. S/d. 5 cm de altura x 5 cm de diâmetro. Col. António Chitas.

**146** – Pires e chávena “A colmeia do Bocage”. S/d. 5 cm (altura) x 5 cm (diâmetro). Col. António Chitas.

**147** – Busto de Bocage, em marfinita, com base em brecha da Arrábida. S/d. 21 cm de altura. Col. José Madureira Lopes.

**148** – Pedra litográfica com rótulo “Aguardente Velha Bocage”. Sociedade Portuguesa de Espumosos, Lda., Anadia – Portugal. S/d. 27x22 cm. Col. António Chitas.

## Ficha Técnica

**Agradecimentos:** Um agradecimento especial é devido ao investigador bocagiano Adolfo Gonçalves, que gentilmente cedeu alguns documentos enquanto autor da obra de referência *Bocage, o Perfil Perdido*, publicada em 2003, em Portugal, e, em 2021, no Brasil. Agradecemos também ao Museu de Marinha a colaboração dispensada na pesquisa sobre o fardamento de Guarda-Marinha apresentado nesta exposição.

**Organização da exposição:** MAEDS - Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal / AMRS - Associação de Municípios da Região de Setúbal e União das Freguesias de Setúbal.

**Comissão Organizadora:** António Chitas, Inês Antunes Malta, Joaquina Soares e José Madureira Lopes.

**Curadoria:** Joaquina Soares.

**Consultoria científica:** António Chitas.

**Textos:** António Chitas, António Cunha Bento

e Joaquina Soares.

**Fotografias:** Rosa Nunes.

**Pesquisa de imagens:** José Madureira Lopes.

**Comunicação e imprensa:** Inês Antunes Malta e Francisco Alves Rito | *Jornal O Setubalense*.

**Coleções particulares:** António Chitas, António Cunha Bento, Carlos Tavares da Silva e José Madureira Lopes.

**Capa:** Ana Castela.

**Design gráfico:** Ana Castela.

**Montagem da exposição:** Ana Férias e Júlio Costa.

**Tipografia Belgráfica.** 250 exemplares.

**Série "Publicações de Arte" do MAEDS.** ISSN 2182-9292.

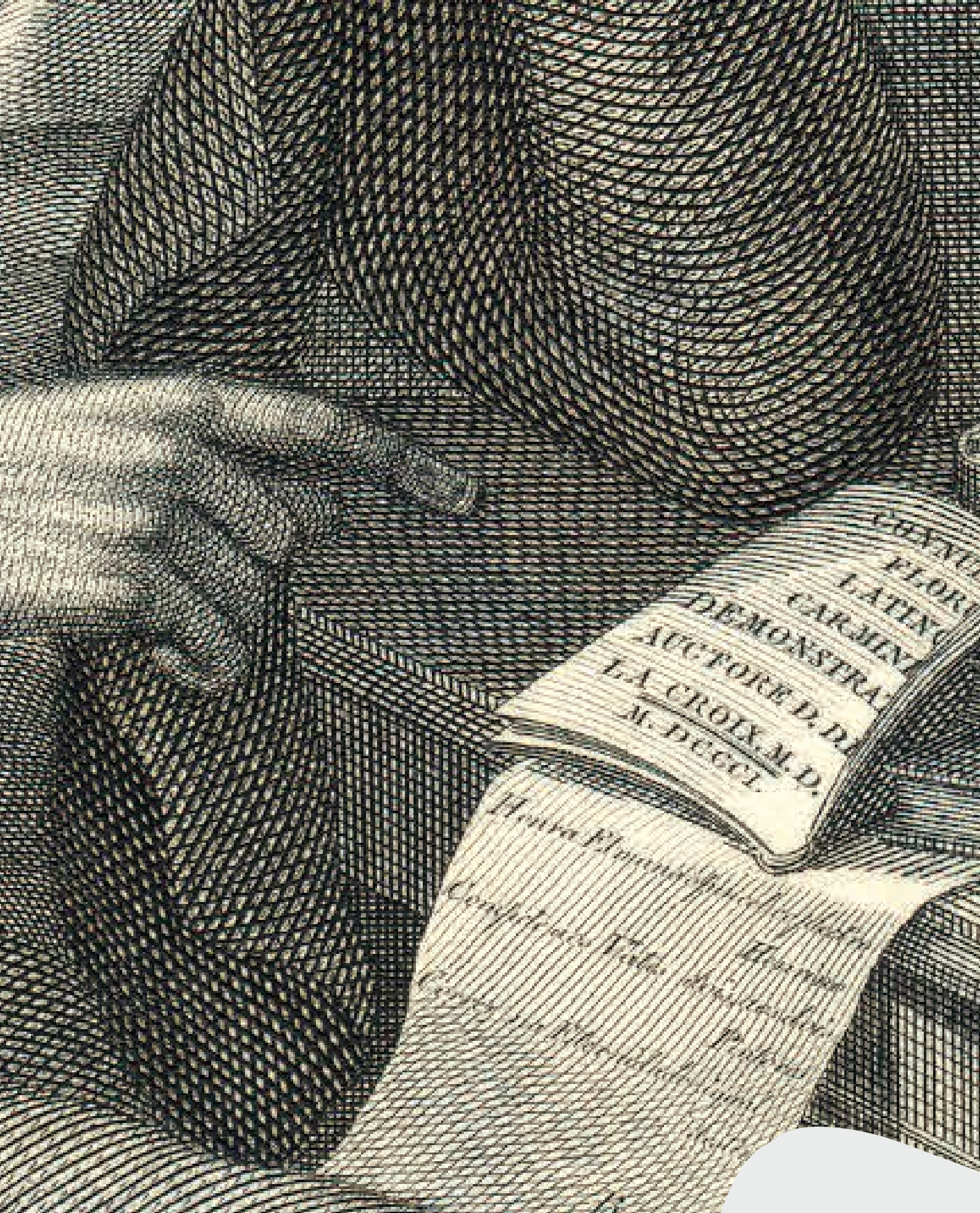
**Setembro-Dezembro de 2022.**

**Exposição integrada no programa cultural "Bocage, o Poeta da Liberdade. A Construção da Memória nos 150 anos do Monumento a Bocage".**



Entidades que participaram no Programa Cultural:





CIVILIS FLORIS  
LATINAE  
CARMINE  
DEMONSTRATA  
AUCTORE D. D. LA CROIX M. D.  
M. DECCI.

LIBRARY OF THE  
UNIVERSITY OF CHICAGO  
300 SOUTH LEXINGTON AVENUE  
NEW YORK, N. Y. 10017